

A CIDADE COMO PROJETO EDUCATIVO

O livro A CIDADE COMO PROJETO EDUCATIVO tem como organizadores - CARMEM GÓMEZ-GRANELL E IGNACIO VILA. Mas o que seria A CIDADE COMO PROJETO EDUCATIVO? Seria utilizá-la como um recurso pedagógico para as atividades escolares? Os autores dos seis artigos do livro e organizadores esclarecem que não. A autora de um dos principais artigos - EDUCAÇÃO, ESCOLA, CIDADE: O PROJETO EDUCATIVO DE BARCELONA – Eulàlia Vintró - diz que é passar de uma PEDAGOGIA DA CIDADE para A CIDADE COMO PEDAGOGIA. Ela também descreve os objetivos do projeto educativo de Barcelona, que iniciou-se no final do século passado e que contribuiu para que hoje ela pudesse ser considerada a primeira cidade educadora.

No primeiro capítulo - EDUCAÇÃO, ESCOLA, CIDADE: O PROJETO EDUCATIVO DE BARCELONA - Eulàlia Vintró esclarece que “*A educação é um elemento estratégico para existência e o bom funcionamento da nossa sociedade e que isto nos leva a pensar um novo discurso sobre educação, e conseqüentemente, a repensar a relação entre educação e as cidades, entre a escola e o território*”. Diante dos desafios sociais e políticos vivenciados na época, a Espanha tinha saído de um regime ditatorial e vivia sua breve democracia, além dos desafios da globalização e da Sociedade da Informação, seria essencial colocar o conhecimento e a criatividade como eixo central da educação. O que implicaria na obrigação de ter mais igualdade e democracia. No entanto, isto não foi evidenciado na Espanha, a homogeneidade, baseada nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, nunca foi alcançada. De outra forma, existia um discurso novo de grupos e movimentos que defendiam a diferença. Seria necessário, portanto, entender como viver satisfatoriamente na diferença. Assim sendo, o mais significativo seria considerar a igualdade e a coesão social como valores a serem perseguidos. E, portanto, a educação dos valores como extremamente fundamental neste processo de mudança.

No segundo capítulo - MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E CIENTÍFICAS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO – Joan Majó situa a realidade social e econômica da época. E também dá a sua perspectiva da realidade educativa nesse contexto da sociedade da informação com as mudanças tecnológicas e científicas. Para ele existe uma necessidade de mudança que a tecnologia e o avanço científico impõe à sociedade e à educação. Neste artigo, fruto da experiência com o projeto e de outros que ele escreveu a

respeito do tema, ele enfatiza três tendências principais: a primeira tendência são as mudanças na economia, vindas com o desenvolvimento da microeletrônica; a segunda tendência são as mudanças tecnológicas, vindas com a digitalização; e a terceira tendência é a liberalização das telecomunicações. Além disso, ele cita algumas das consequências que estas tendências podem trazer, como: superabundância de informação, concentração de empresas no mundo relacionado com a informação, a informação como elemento-chave no processo de produção, a distribuição da informação que acelera o conhecimento e a mudança social. Como também, ele dá algumas sugestões para a educação: recolocar o sistema educativo em sua função social – considerar a educação como atividade humana que tem de ser realizada, não só nas primeiras etapas da vida, mas ao longo de toda ela; mudar os conteúdos de ensino – formar pessoas preparadas para aprender de forma contínua; estabelecer um sistema periódico de renovação das habilidades profissionais e modificar a forma de ensinar.

No terceiro capítulo - EDUCAÇÃO: RESPONSABILIDADE SOCIAL E IDENTIDADE COMUNITÁRIA.- Joan Subirats é o responsável pelos fundamentos teóricos para a metodologia de participação do projeto. Para ele *“os diversos países e sociedades que contam com uma tradição mais sólida de ASSOCIACIONISMO, que souberam manter sentimentos de comunidade e pautas de reciprocidade entre os seus indivíduos e que entenderam que o espaço público como um terreno secularizado e compartilhado entre instituições representativas e entidades cívicas, são sociedades que estão melhor preparadas para enfrentar os desafios da mudança de século”*. Sendo o associacionismo a responsabilidade social da cidade para a importância de gerar mecanismos que desenvolvam rotinas e espaços de colaboração entre público e privado, em muitos âmbitos de atuação, sem implicar na diluição de responsabilidades, mas uma delimitação destas. E para isso é importante fortalecer as instituições locais e reforçar a realidade associativa, a partir de uma forma de entender o exercício das responsabilidades públicas, que deveria ser mais de força habilitadora do que hierárquica, mais responsável pela política do que pela gestão, mais capaz de integrar e canalizar do que protagonizar, controlar e manipular. E é por isso que ele fala de EDUCAÇÃO: RESPONSABILIDADE SOCIAL E IDENTIDADE COMUNITÁRIA. Por meio da experiência empírica de atuação, ele classifica em quatro tipos de escolas: escola bairro, escola utilitária, escola identitária e escola comunidade. Este último tipo são centros caracterizados, tanto pela forte implantação no território e por uma aceitação de sua diversidade social, como

também pelo projeto educativo. Essas comunidades servem ao território onde se localizam, assim como projetam sua atividade nesse território. Esse tipo de comunidade é considerada como de fundamental importância para a rede social. E, sob o ponto de vista dele, deve haver o apoio no sentido de estabelecimento de escolas comunidade.

No quarto capítulo - O MEIO AMBIENTE E A GLOBALIZAÇÃO – Salvador Cervera e Carmem Gómez-Granell falam do desenvolvimento de um projeto educativo para uma cidade sustentável, gerando processos de participação e de responsabilização cidadã, por meio da INFORMAÇÃO – CONHECIMENTO E AÇÃO.

No quinto capítulo - MULTICULTURALIDADE: REPENSAR A EDUCAÇÃO SOCIOEDUCATIVA – Silvia Carrasco trata dos desafios para estabelecer um projeto para uma cidade integradora, e em especial a respeito da imigração e de formas de pertencimento na cidade. Como a quantidade de nacionalidades que existem em Barcelona é muito grande, há uma atenção a esse aspecto da multiculturalidade para buscar um caminho de integração entre as pessoas.

E por último - A ESCOLA DIANTE DO DESAFIO TECNOLÓGICO – em que Eduardo Martí traz algumas diretrizes para utilização das tecnologias em sala de aula. E aqui, diferente dos demais artigos, ele enfoca a sua utilização no espaço escolar.

A partir das colocações dos autores, percebemos que “a cidade como projeto educativo” vai além dos muros da escola e da sala de aula, necessita ser um projeto educativo coletivo, bem articulado e direcionado, capaz de gerar participação social em todos os atores do processo na cidade. A educação está para a cidade, assim como a escola está para o seu território ou localização. E se a cidade não assumir este projeto educativo coletivamente, muito dificilmente a escola conseguirá. E, de outro modo, se a cidade assume este projeto coletivo, a escola terá muito a contribuir com a sua construção.

Diante de todas as mudanças citadas pelos autores, a mais desafiadora é sem dúvida a mudança na forma de ensinar. Com tantas mudanças no cenário social, a nossa forma de aprender também mudou. A grande questão é se a escola consegue acompanhar o mesmo ritmo de mudanças que a sociedade e cumprir a sua função social. Se por um lado tirou-se uma grande expectativa de fracasso da escola diante das demandas sociais, ampliou-se a sua responsabilidade para cumprir com a sua nova função social, engajada nesta perspectiva de projeto coletivo. Para que a nova função social da escola se realize, é necessário desenvolver uma metodologia de participação em forma da cultura de

integração e participação. E essa metodologia não será útil apenas na escola, mas deve ser conhecida em todos os grupos sociais engajados nessa construção. E assim, cada âmbito da sociedade saberá como contribuir neste processo.

A cidade de Barcelona, por sua localização e organização econômica e social, favoreceu o desenvolvimento de importantes projetos coletivos o que permitiu ser ela uma cidade educadora. No entanto, para que isso fosse possível importantes planos estratégicos foram desenvolvidos lá, como: Plano de Desenvolvimento Econômico e Social, Plano Integral de Desenvolvimento dos Serviços Sociais, Plano Estratégico do Setor Cultural e o Projeto Educativo de Cidade. E quais os princípios do Projeto Educativo da Cidade de Barcelona: primeiro - ser um verdadeiro processo de inovação, reflexão e análise, capaz de detectar os desafios das cidades na nova sociedade do conhecimento e da informação e desvendar o papel da educação. Isto seria passar de uma PEDAGOGIA DA CIDADE para CIDADE COMO PEDAGOGIA. E, para tanto, a necessidade de ter um projeto articulado e bem-definido, descrevendo para onde ir. E – segundo - fazer do Plano Educativo de Cidade um Projeto Coletivo.

A cidade como projeto educativo. Organizado por Carmem Gómez-Granell e Ignacio Vila...[et al]; trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Resenha de livro: Gerência da Escola Pública de Trânsito – DETRAN-PE.

Adriana Mércia Bezerra da Silva (analista de trânsito).